



ALACETE
GENTIL BRAGA
GALERIA
ANTÔNIO
ALMEIDA - RUA
DRANDE, 782 -
CENTRO.
20/11 às 15h
lg: @etc.nma

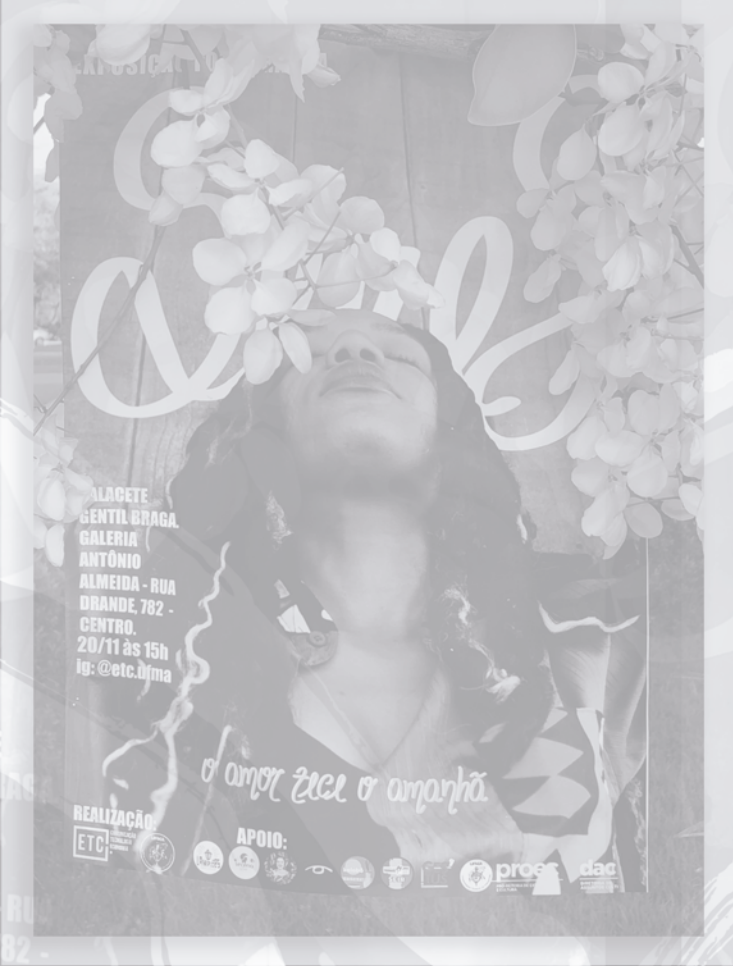
ALACETE
GENTIL BRAGA
GALERIA
ANTÔNIO
ALMEIDA - RUA
DRANDE, 782 -
CENTRO.
20/11 às 15h
lg: @etc.nma

REALIZAÇÃO
ETC

APOIO:
[Logos of various organizations]

SERES: O AMOR TECE O AMANHÃ

Patrícia Azambuja | Ramon Costa | Sylmara Durans



SERES: O AMOR TECE O AMANHÃ

Patrícia Azambuja | Ramon Costa | Sylmara Durans

Copyright © 2026 by Curso Comunicação Social - Rádio e TV
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO



FICHA TÉCNICA

Texto

Sylmara Durans

Revisão de Texto

Vitória Regina Tinoco Silva

Edição, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Patrícia Azambuja

Capa

Camila Franciely

Ilustrações

Beatriz Pires da Silva Barbosa

Fotografias

Adalberto Melo, Bruno Goulart, Isys Basola, Gabriel Jansen e Raul Monteiro



Azambuja, Patrícia.

Seres [recurso eletrônico]: o amor tece o amanhã / Patrícia Azambuja, Ramon Costa, Sylmara Durans. — São Luís: [s.n.], 2026.
71 p. : il.

Modo de acesso: www.acervobemtevi.ufma.br/publicacoes/
ISBN 978-65-01-99177-1

1. Fotografia – Movimento - Pessoas negras. 2. Amor preto. 3. Racismo algorítmico. 4. Comunicação e fotografia. I. Azambuja, Patrícia. II. Costa, Ramon. III. Durans, Sylmara. IV. Título.

CDD 778.9

CDU 77.034-054(=2/=8)

APRESENTAÇÃO

O ano de 2023 mal havia começado quando um grupo de 17 pessoas, a maioria estudantes da Universidade Federal do Maranhão, entusiasmados com a extensão universitária embarcou em direção à Praia de Mangue Seco, no município de Raposa, situado a cerca de 23 km de São Luís do Maranhão, com a cabeça fervilhando de ideias. **Quem iria à praia pensando em fazer divulgação científica? Pode parecer estranho, mas foi exatamente para isso que esses jovens utilizaram os últimos dias de férias naquele ano.**

O lugar foi escolhido pela variedade do ecossistema, por sua beleza paradisíaca, pelas referências culturais ali encontradas, mas confesso que a distância foi fator de excitação a mais. O município de Raposa surgiu a partir da formação de uma vila de pescadores e rendeiras que migraram do Ceará para o Maranhão, em meados de 1950. Relatos apontam que essas famílias fugiam da seca e encontraram ali a possibilidade de garantir a sua sobrevivência. O município resguarda as memórias das suas fundadoras por meio do corredor das rendeiras e da Associação Bilros de Ouro.

A depender do dia, a praia não costuma ter grande movimen-

to, mas o fato de ficar mais afastada de São Luís fez com que o deslocamento até lá passasse a ser um desafio complexo e instigante. Além disso, o fato dessa experiência fotográfica estar vinculada ao projeto de extensão Divulgação Científica e ETC, convocava todos nós a pensar o trajeto percorrido como metáfora para os deslocamentos das próprias ideias, ou mesmo, o quão longe conseguiríamos levá-las. Após semanas de planejamento, o dia 3 de janeiro de 2023 chegou ensolarado. Nosso grupo era grande e as chances de dar errado também, mas felizmente a história que temos para contar é outra. Olhando em perspectiva, fica o sentimento de orgulho do que fomos capazes de realizar com poucos recursos e muita vontade de criar.

Já a ideia para este fotolivro, veio mais tarde e emerge de um movimento mais amplo de preservação, cuidado e valorização das imagens produzidas por estudantes dos cursos de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. As fotografias que compõem o conjunto imagético **Seres: o amor tece o amanhã** têm como marco a decisão de colocar em destaque concepções sobre o amor preto e

oportunizar enfrentamentos criativos em uma sociedade organizada pelo racismo. São desdobramentos decorrentes de reflexões acerca do Racismo Algorítmico, no âmbito do Grupo de Pesquisa ETC¹, em 2023. As imagens ficaram em exposição entre os dias 15 e 22 de novembro de 2024, no Palacete Gentil Braga, equipamento de cultura da Universidade Federal do Maranhão.

O texto Racismo e Algoritmo: estaria a humanidade vivendo em um ciclo de perpetuação de preconceitos?², escrito por Isys Basola, serviu de base para as intervenções que surgiram em seguida, como o ensaio fotográfico, uma série de conteúdos para as plataformas digitais e uma playlist colaborativa. **As reflexões evidenciaram que o racismo não se limita, necessariamente, a um fenômeno conjuntural, a uma anormalidade ou a uma falha na estrutura social, mas ao contrário, configura-se como um elemento que constitui e organiza a própria lógica de funcionamento da vida.** Por isso, assumimos a urgência em criar ações que pudessem criar fissuras nessa estrutura, de modo mais ambicioso, ou pelo menos contribuir com a produção de sentidos coletivos sobre corporeidades negras e, assim, propor novas dinâmicas comunicacionais. Para isso, **usamos a fotografia como aliada.**

Priorizamos pensar as imagens dentro do processo que as tor-

nou possível, a partir do encontro entre cada uma das pessoas que decidiu compartilhar conosco um pedaço-tempo da sua vida. Por isso, este livro se torna ainda mais relevante. **Aqui, eternizamos essas histórias e vamos contar para você o que, para nós, está além do que se vê.** Se o nosso objetivo foi retratar relações de afeto, sobretudo amor e amizade entre pessoas negras, como forma de enfrentamento da lógica racista dos algoritmos, as imagens são resultado de um processo orientado por essas premissas. O efeito desta confluência é a imagem como política e potência de transformação.

O fotolivro está estruturado em três movimentos, pois é da matéria em trânsito dos encontros que extraímos o que agora se apresenta. Além disso, os corpos que foram fotografados, antes de posarem, dançaram e seguirão dançando estas memórias de amor e liberdade. **O trabalho colaborativo entre o Grupo de Pesquisa ETC, Acervo Bem.te.vi e Coletivo Nuppi foi essencial para a realização deste projeto**, pois ampliou nossas perspectivas e nos fez chegar em lugares que até então não poderíamos imaginar.

Este livro é uma prova da força e da potência criativa da construção de uma comunidade engajada em sonhar novos mundos.

¹ O grupo de pesquisa ETC existe desde 2018, dedica-se à interface entre Comunicação, Economia e Tecnologia. Neste período, o ETC desenvolvia um projeto de extensão voltado à divulgação científica. Para saber mais, acesse: <https://etc.ufma.br/> e <https://medium.com/@etc.ufma>.

² O texto pode ser acessado através do link: <https://medium.com/@etc.ufma/racismo-e-algoritmo-cf5ff233e5ff>



Isys Basola

MOVIMENTO 1

corpos que falam





**A imagem como
ferramenta de
enfrentamento
ao racismo.**



Isys Basola

Se o racismo opera na destruição física e subjetiva de seus alvos e se expressa como política concreta de extermínio, urge a criação de estratégias de resistência que possam reafirmar a potência da vida e a dignidade de todos os corpos.

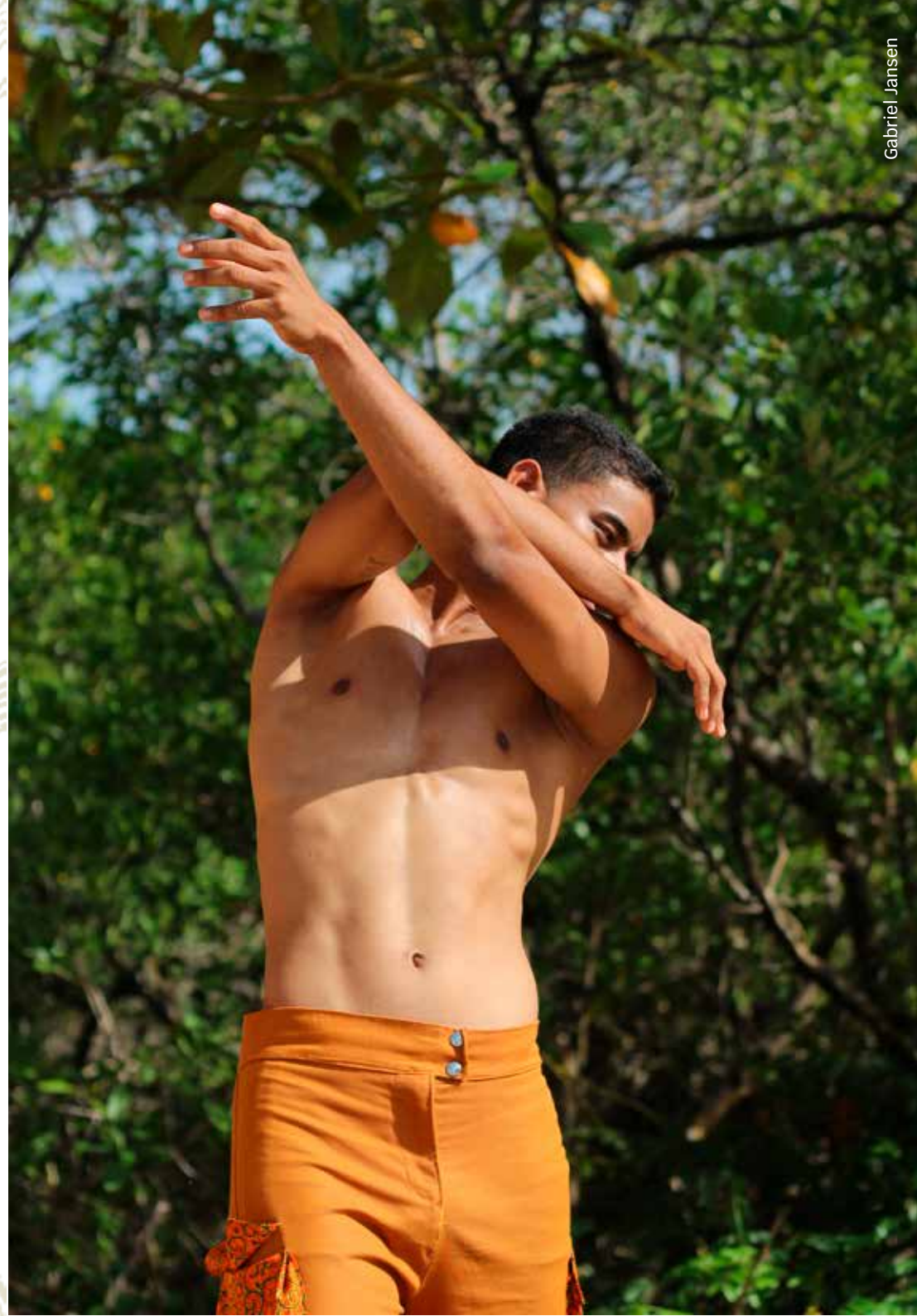
Sendo assim, apostamos na imagem como uma ferramenta de construção de mundos alternativos e no amor como ação essencial para superação dos nossos problemas coletivos.

Para bell hooks (2021), uma definição é um ponto de partida essencial para a imaginação e pode se apresentar como um mapa a nos guiar. Por meio da imaginação, é possível nos situar e traçarmos um horizonte onde desejamos chegar. A autora afirma que a nossa dificuldade de amar tem origem nas dificuldades de atribuição de sentidos a essa palavra. Seguindo nessa direção, em

seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, ela empreende o esforço de atribuir significado e afirma que o amor é uma ação voluntária, que acontece quando decidimos nutrir simultaneamente o nosso crescimento espiritual e o de outra(s) pessoa(s) e, por isso, não pode consentir com práticas de abusos. Nesse sentido, o amor pode ser considerado como um antídoto, uma tecnologia que pode auxiliar na ruptura de ciclos de dor e violência, incluindo aqueles provocados pelo racismo.

Dizer que os corpos falam é lembrar do seu caráter dinâmico que põe a vida em movimento.

Como descrito por Eduardo Oliveira (2005), no texto *Filosofia da Ancestralidade*, o corpo pode ser entendido como uma matriz fundacional da existência e não apenas um repositório no qual a cultura deposita suas marcas, mas sim o lugar onde a vida se processa e realiza. O corpo é escritura comunitária, cujo texto coletivo expressa os valores civilizatórios do grupo que nele escreve e também se reconhece. Estas fotografias procuram auxiliar na construção de um discurso de afirmação da vida de pessoas negras.



**Afinal, as imagens
são políticas - no sentido
em que atuam diretamente
em nossos (re)conhecimentos
de mundo -, reforçando
ou refutando paradigmas
e, inevitavelmente, nossos
vínculos e engajamentos.**

Assumimos, a partir da pesquisa, que as imagens são meios pelos quais os cientistas também podem introduzir pensamentos, ao reconhecer nas representações outros mundos possíveis, romper com estereótipos ou sugerir a reparação de preceitos arraigados. O racismo como uma deformidade social, na prática automática do algoritmo e responsável apenas por replicar ações humanas, é amplificado, quando, ao contrário, precisaria ser expurgado.







Acreditamos que o mundo, para ser menos racista, preconceituoso e desumano, precisa ter como prática ações mais amorosas e responsáveis, em especial, no que concerne ao expurgo dos paradigmas destrutivos.



Raul Monteiro



Adalberto Melo



Isys Basola



Isys Basola



Adalberto Mielo

Os corpos como potencialidades imagéticas, de acordo com Georges Didi-Huberman (2016), configuram a vida sensível por meio de sua energia passional, e não apenas por aquela prevista pela razão.





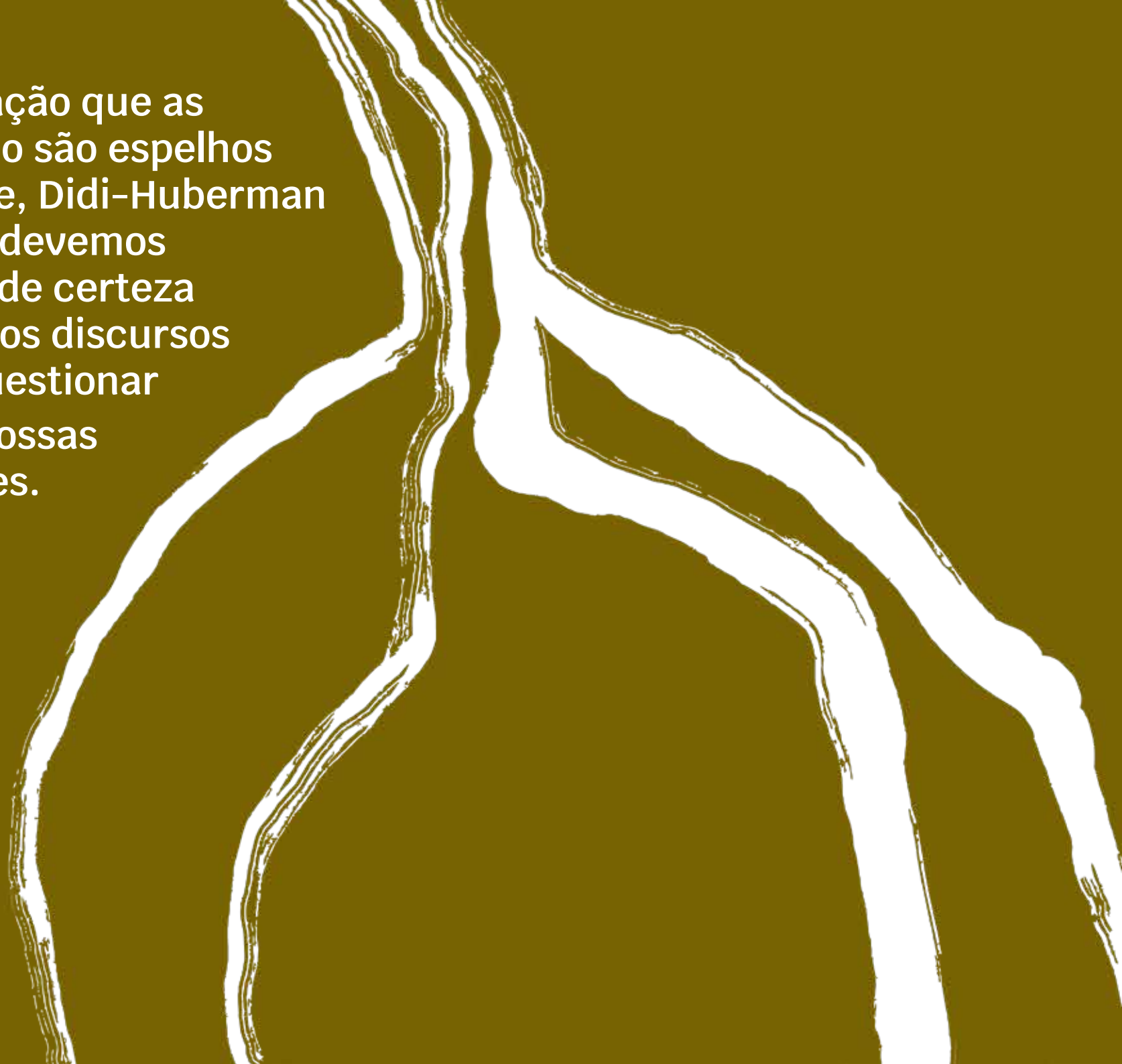
Fotos: Raul Monteiro



Eles restabelecem, assim, a dignidade do páthos diante do logos, ou da fruição artística em relação ao potencial da razão. Para o filósofo e historiador da arte, **quando somos afetados pelas imagens, experimentamos a emoção atravessar-nos a alma e, ao contrário de nos afastar do mundo, a emoção produz efeito sobre ele e nos coloca a percebê-lo, de outras muitas maneiras.**



Diante da constatação que as representações não são espelhos exatos da realidade, Didi-Huberman (2013) sugere que devemos interrogar os tons de certeza utilizados em muitos discursos com imagens, e questionar constantemente nossas próprias convicções.











Raul Monteiro

MOVIMENTO 2

reverberações criativas
e suas histórias



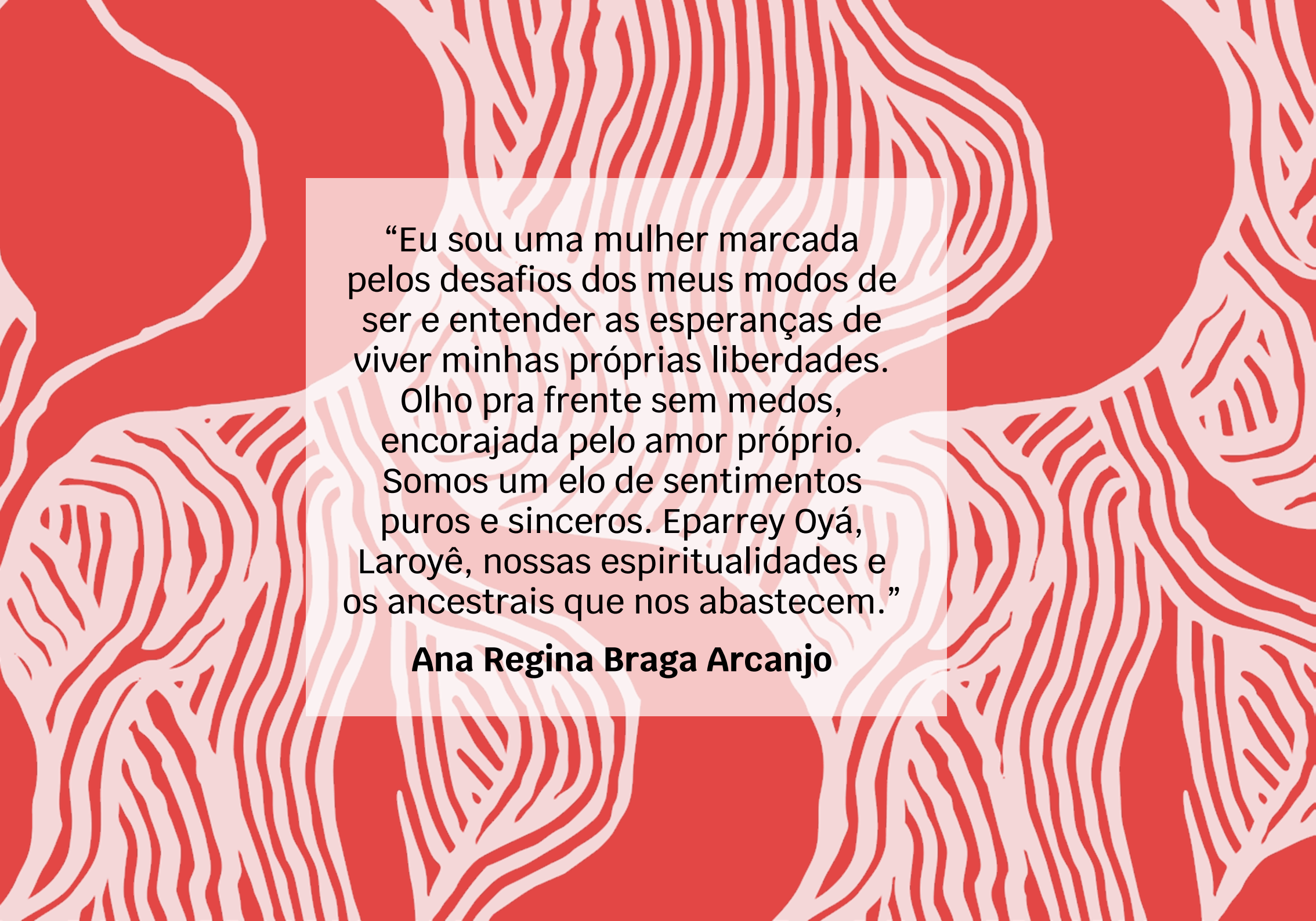
O amor se apresenta aqui não como uma experiência individualizante, mas coletiva e comunitária. O processo de autorrecuperação - na medida em que também é processo de elaboração dos traumas provocados por fenômenos como o racismo - é mais fecundo quando temos uma comunidade engajada em expandir suas potencialidades. Pois comunidade, para nós, seguindo Roberto Esposito (2022), não é um território físico compartilhado, mas uma conexão imperativa entre os diferentes, que os vincula e funda suas existências.



Ana Regina Braga Arcanjo é artista da cultura popular, gestora em turismo e artesã, oriunda da cidade de Codó. Encontrou na dança uma forma de preservar a sua ancestralidade. Em suas próprias palavras, considera-se “mulher marcada pelos desafios dos seus modos de ser e entender as esperanças de viver suas liberdades”.

Ler, escrever, dançar, desejar e fazer o bem servem a si e aos outros, assim como ajudam a refletir e a superar o dia a dia. Prefere olhar para frente sem medos, encorajada pelo amor próprio. Como mulher que se fortalece no poder da fé das acolhidas, acredita que a troca é um ato simples e revestido de amores. Pede licença a Exu e Oyá, pois acredita que sua espiritualidade é fortalecida pelos seus ancestrais. As imagens, para Regina, são evidências de que sua ancestralidade se revela a cada passo, gesto e ato inconsciente, ao mesmo tempo em que suas dores, feridas e cicatrizes se dão e se vão. **Ao buscar contrapor a lógica na qual a fotografia pode implicar em processos de objetificação dos corpos retratados**, o projeto se aproxima de perspectivas mais humanistas e interessadas no fazer compartilhado das imagens, quando aqueles que são retratados assumem papel ativo no processo de criação. Desempenhar as possibilidades de criação de novas narrativas e representações de si coincide com o processo de reescrita da nossa história coletiva. Levando em consideração questões raciais, mais do que fazer imagens de pessoas negras se amando, coube a nós garantir um espaço propício para que os próprios sujeitos envolvidos decidissem as imagens que desejavam criar, em conjunto com os fotógrafos. **Movimentar-se, aqui, equivale à ação de reverberar a participação das pessoas retratadas** por meio de outros olhares: o olhar de si mesma. Elas são desafiadas a revisitar as fotografias produzidas e escolher a que melhor as representa, seus sonhos e como se reconhecem.



The background features a vibrant red color with intricate white wavy patterns that resemble stylized roots or flowing water. A semi-transparent white rectangular box is centered on the page, containing text in black. The text is a quote from Ana Regina Braga Arcanjo, discussing her experiences and spiritual beliefs.

“Eu sou uma mulher marcada pelos desafios dos meus modos de ser e entender as esperanças de viver minhas próprias liberdades. Olho pra frente sem medos, encorajada pelo amor próprio. Somos um elo de sentimentos puros e sinceros. Eparrey Oyá, Laroyê, nossas espiritualidades e os ancestrais que nos abastecem.”

Ana Regina Braga Arcanjo

“Sonho com um mundo onde não haja murmúrios, xingamentos, menosprezo e nada. Todas as pessoas, animais, seres vivos têm direito de viver em paz consigo mesmo, com a sua vida, com o seu meio ambiente. Não adoecer mais devido às raivas e aos ódios de quem conserva e despeja no universo os sentimentos que corroem as maneiras de viver em paz de cada um”.

Ana Regina Braga Arcanjo







“Nessa imagem vejo, antes de tudo, um ser humano contrariando a lógica imposta pelo mundo que nos desumaniza. Me refiro a nós por me entender como parte de uma existência coletiva, como mulher preta, representando aqui tantas outras que vieram antes de mim. Vejo alguém que, muitas vezes, o mundo insiste em chamar de ninguém. Por isto, além do que se vê, eu sou uma mulher que descobriu que não tem que ser forte o tempo todo, que pode sim errar e lidar com seus erros sem se culpar, mas se responsabilizando.” Renata Costa

Renata Costa é psicóloga, de vinte e poucos anos, que segue tentando se encontrar, sem perder sua essência. Segundo Renata, sua história começa antes do seu nascimento, pois é fruto da união de duas pessoas de origem muito humilde que se encontraram e decidiram formar uma família, alimentadas por um amor que ultrapassa a própria vida. A sua existência diz para o mundo que é possível sonhar, realizar e quebrar todas expectativas sociais negativas a respeito de pessoas negras. O amor, para ela, é ação, cura, força e umas das mais loucas e potentes habilidades humanas. Seus sonhos passam pela conquista de uma casa, descrita por ela como um lugar de equilíbrio e fortalecimento. **Renata afirma que as formas que escolheu para representar o seu corpo são contrapontos às narrativas que procuram negar sua existência.**





“Eu me vejo nessa foto coberta de luz. É como se eu estivesse nascendo sob o sol, mas eu não vejo só um corpo, eu vejo uma pessoa realmente iluminada, que ilumina e com a cabeça erguida. Parece que eu sei exatamente onde estou e irei. Sentimento poderoso. Eu amo olhar para esta foto nesse sentido, porque eu quero estar cada vez mais próxima do que represento nela.”

Samara Regina



Samara Regina é estudante do **Curso de Relações Públicas, na Universidade Federal do Maranhão, e vem de uma família de mulheres com sobrenome Regina.** É filha única, nasceu e se criou em São Luís do Maranhão e tem uma relação afetiva com as pessoas e o lugar. Apesar de ser a única candomblecista e umbandista da família, sente-se muito respeitada em seu ambiente familiar. Samara diz se ver como filha do sol e também busca se aproximar cada dia do que a sua imagem representa. O amor, para ela, não é uma coisa só, mas a união de tempo, respeito e cuidado. Samara também sonha, como todo mundo, com um lar, plantas, cores e música, onde seja possível celebrar o amor e se refugiar.





“Eu não tenho pressa e nunca precisei vencer no grito. Eu sou capaz de aprender qualquer coisa e me retirar de qualquer situação que não tenha amor e respeito por quem eu sou. Acho que quando a gente é preto, o mundo nos obriga a crescer mais rápido para não depender de ninguém, e aos 21 anos, eu acho que não preciso de mais nada mesmo. Demora, mas eu chego onde quiser.”

Samara Regina



Pablo Silva é estudante do Curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Maranhão, e também é saxofonista. Tem apreço por lugares seguros onde possa confiar, e acredita que suas buscas coincidem com aquilo manifesta. Considera sua existência no mundo, em especial, para sua família e amigos, uma afirmação sobre a possibilidade de confiar. O amor lhe parece difícil de descrever, mas ele o reconhece como uma emoção inconfundível que traz conforto, paz e sentimentos bons.

Ao revisitar as fotos, ele diz recordar da atmosfera do ensaio que foi fundamental no seu processo de autorreconhecimento. Dentre os seus sonhos estão a paz e a tranquilidade de poder desfrutar a vida, nutrindo felicidade.

“Eu fui fazer essa dinâmica de olhar as fotos e eu acho que a questão trazida na pergunta é justamente o que a foto me mostra, ela me descreve. Escolhi essa foto com Samara, porque aqui tem um sorriso tão espontâneo, tão... mágico, que traz reconhecimento. Durante o ensaio, eu estava em um lugar de aconchego, de sentimento, mas também em um lugar no qual eu conseguia me reconhecer; sentia que eu estava em lugar seguro e que estava fazendo algo que me representava. Então, para além da imagem, eu vejo o sentimento de pertencimento e reconhecimento.” Pablo Silva



Raul Monteiro

MOVIMENTO 3

olhares sobre corpos e afetos

Promover encontros é uma das tarefas da Comunicação.

Este que é o campo das relações, e lugar no qual os sentidos são produzidos e processados. Isso acontece quando nos vinculamos uns com os outros e também com o ecossistema em que estamos inseridos. Para o pesquisador Ramon Costa (2018), o vínculo é uma condição incontornável, e é o que torna a existência possível, permitindo nossa constituição como sujeitos no mundo. Tornar-se sujeito coincide com o processo de assumir autoria sobre a própria existência através da linguagem (Souza, 2021).

O encontro é uma possibilidade de instaurar o comum de que fala Muniz Sodré (2014), como um espaço vazio que está em permanente fluxo. Ele se preenche e se esvazia; assim como a maré da praia de Mangue Seco, onde as ondas vêm e vão, ora engolfando a areia, ora desnudando-a. Para encontrar-se com o outro é preciso alterar-se, isto é, abrir espaço para ser-uns-com-os-outros, a partir das diferenças, afinal “vinculando-se, cada um perde a si mesmo” (Sodré, 2014, p 206-207). E aí reside a beleza do encontro, nas infinitas possibilidades de combinações criativas para a produção do novo no mundo.

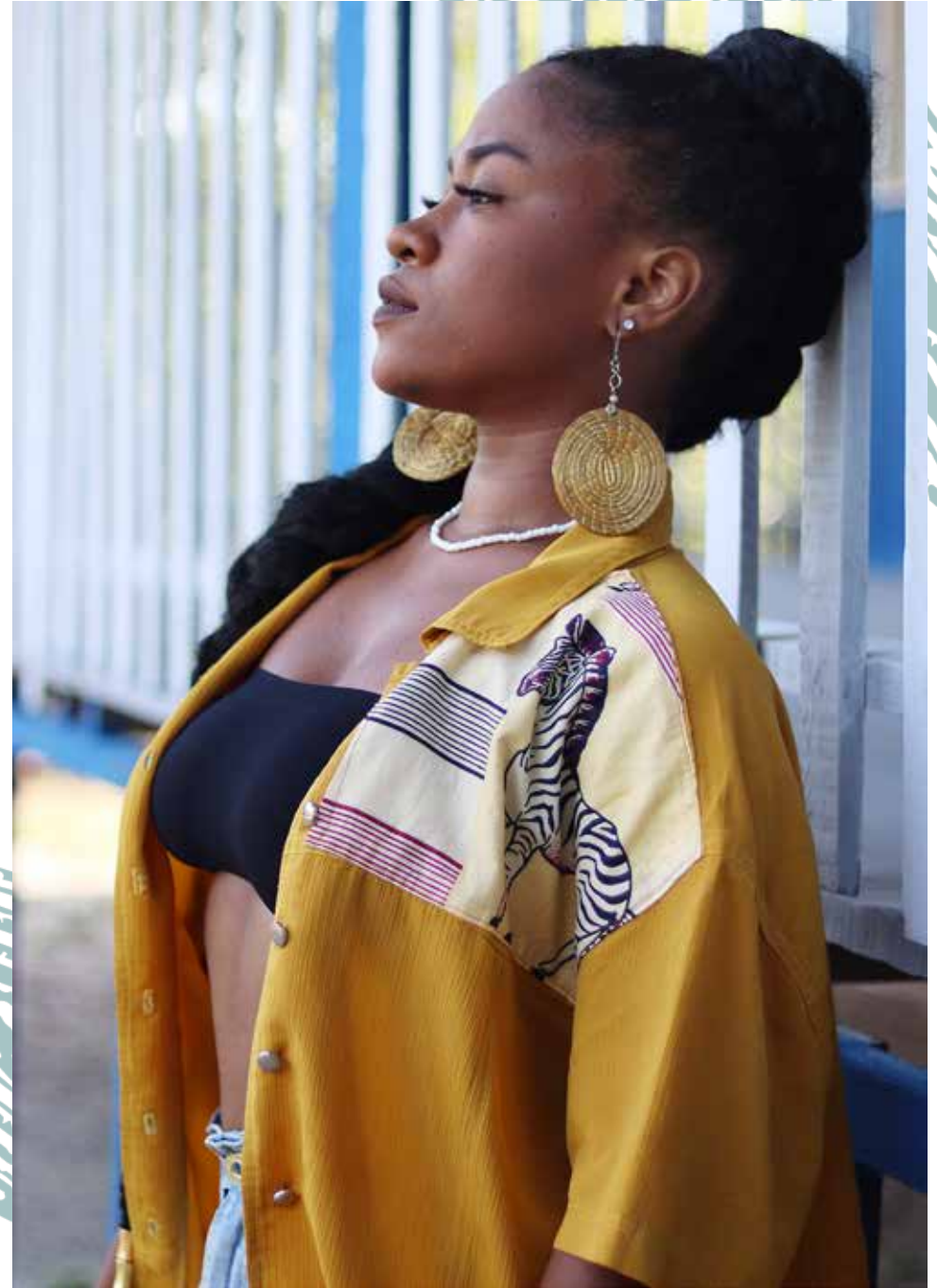
O ensaio fotográfico que resultou destas fotografias foi pensado como processo comunicacional, e por meio dele organizamos uma instância de relacionamentos, colocando em diálogo sujeitos, ambiente e aparatos tecnológicos, a fim de que juntos produzíssemos sentidos sobre o racismo algorítmico. Para todos os envolvidos, inspirar-se significa filosofar sobre a vida e, de acordo com a filosofia de Jacques Rancière (2009, p.36), o “artista é aquele que viaja nos labirintos ou nos subsolos do mundo social [...] Devolve aos detalhes insignificantes da prosa do mundo suas dupla potência poética e significante”. O potencial do inconsciente estético de Rancière (2009, p.41) se manifesta na polaridade das palavras escrita e surda e, nesta última, uma consciência latente, sem nome, para a qual é preciso dar voz e corpo.

O encontro se faz pelo movimento entre o mundo, as pessoas retratadas - em seus olhares para si, seus sonhos, seus talismãs ou crenças -, e os fotógrafos artistas. Estes que deixam seus testemunhos culturais da “existência de certa relação do pensamento com o não-pensamento, de certa presença do pensamento na materialidade sensível” (2009, p.10-11), quando convergem tantas existências em uma única matéria: a imagem.

O projeto assumiu um caráter formativo, por meio da experimentação livre de conhecimentos trabalhados em sala de aula e a possibilidade de desenvolver novas habilidades. Bruno Goulart, Raul Monteiro, Gabriel Jansen e Isys Basola foram unânimes: a experiência foi inédita e abriu caminhos em suas trajetórias profissionais. As fotos foram pensadas para contrapor à lógica dos algoritmos, por isto, **Raul Monteiro** buscou inspiração na felicidade e beleza de pessoas negras.



“Para mim, a fotografia é fazer um registro no tempo, deixar uma marca de algo que você possa reviver através dela”. Raul Monteiro





“O projeto representou o meu primeiro contato direto com modelos em um ensaio fotográfico. Foi muito importante na minha formação profissional como uma primeira experiência, além de ter sido um ambiente extremamente amigável com todas as pessoas envolvidas na produção.” Raul Monteiro

A fotografia, para **Raul Monteiro**, tem sentido amplo, pois pode ao mesmo tempo registrar o belo ou se deter ao grotesco, como em casos de registros de guerra. Apesar das diferenças, a capacidade de produzir uma marca no tempo é o que elas têm em comum.

* * *





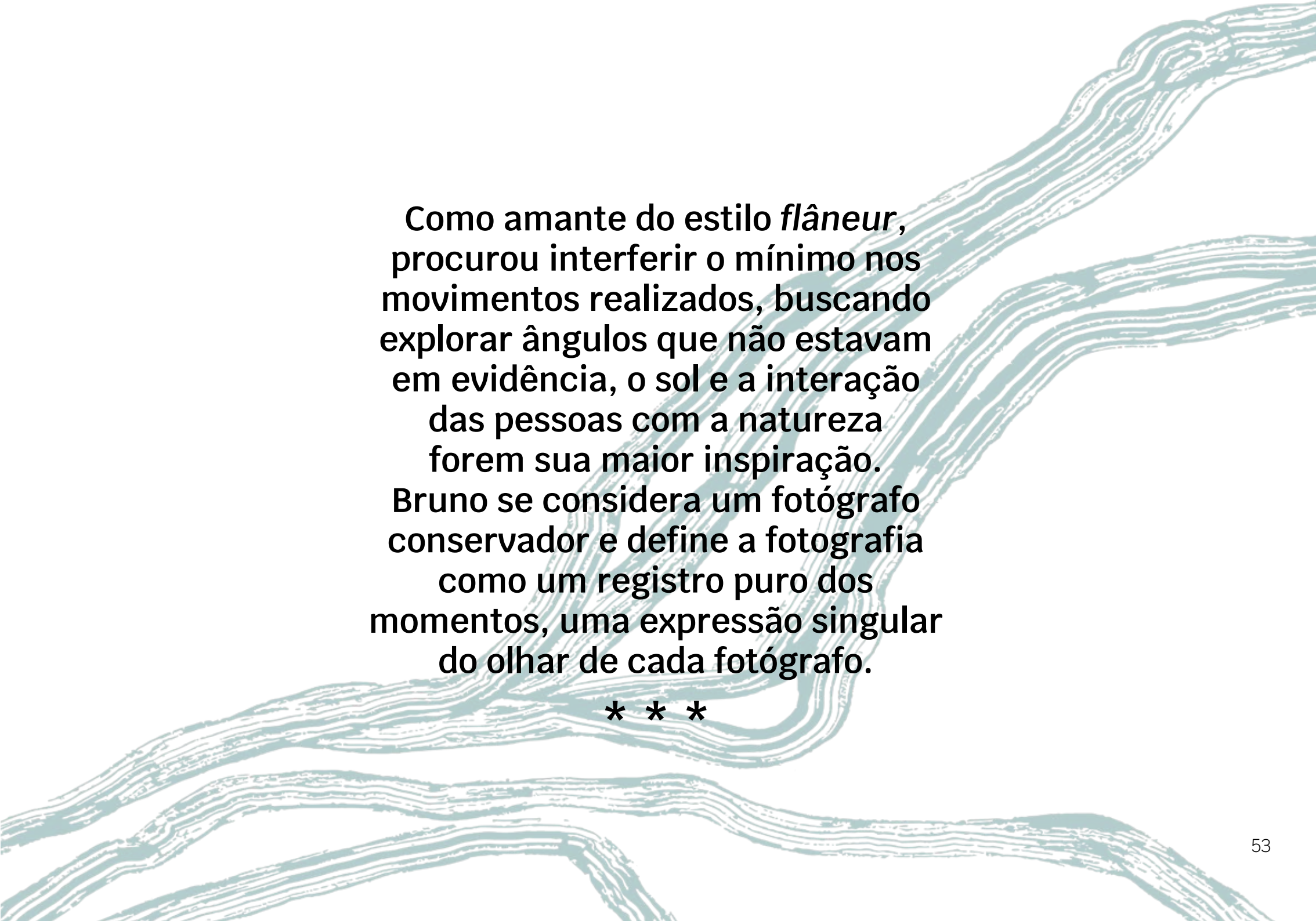
Prin. de Colômbia, P.



A experiência de **Bruno Goulart** foi ainda mais íntima, visto que ele fazia parte do projeto de extensão responsável por produzir conteúdos de divulgação sobre o texto inicial de Isys Basola, Racismo e Algoritmo. Acompanhar todas as decisões e participar ativamente do processo de planejamento foi uma experiência que gerou impactos positivos em sua trajetória profissional, expandindo suas perspectivas sobre fotografia e comunicação.

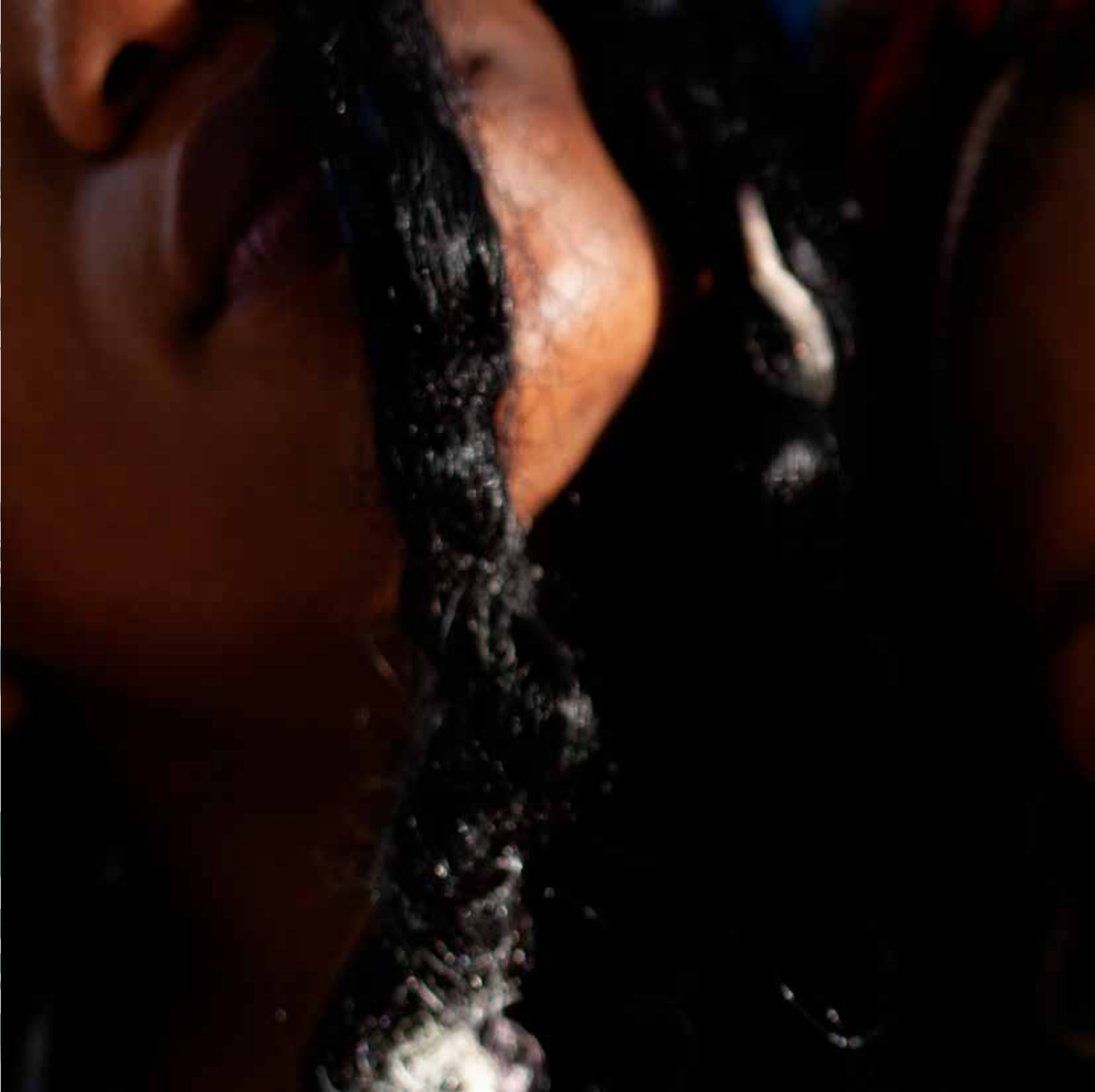
“O processo de montagem do ensaio foi uma das etapas mais interessantes e trabalhosas. Foram semanas se preparando para um único dia de ensaio. Preocupações com figurino, locação, equipamentos e claro, o mais importante, os modelos. A escolha das pessoas foi um processo desafiador, embora naquele momento ainda não tivéssemos a realização de um fotolivro em vista, as histórias dos envolvidos tinha que ter relação com a mensagem que queríamos transmitir. Essa experiência foi muito importante na minha trajetória na comunicação como um todo, trouxe também outra perspectiva de fotografia para mim.” Bruno Goulart



The background of the slide features several thick, overlapping teal brushstrokes that flow from the top right towards the bottom left, creating a sense of movement and texture.

Como amante do estilo *flâneur*, procurou interferir o mínimo nos movimentos realizados, buscando explorar ângulos que não estavam em evidência, o sol e a interação das pessoas com a natureza forem sua maior inspiração. Bruno se considera um fotógrafo conservador e define a fotografia como um registro puro dos momentos, uma expressão singular do olhar de cada fotógrafo.

* * *





Para **Gabriel Jansen**, a fotografia é um registro puro de momentos. **“A pureza está no fato de que, ao fotografar, criamos momentos, cada detalhe é captado a partir das escolhas que fazemos, é aí que reside a pureza. É o meu registro, é a minha captura. Não é algo universal”**.

A ação foi definida por Gabriel como um ambiente de conexões que fomentou processos de sociabilidade por meio da fotografia e promoveu mudanças no seu entendimento de fotografia que passou a ser percebida por ele como expressão do que é possível emergir a partir do encontro.

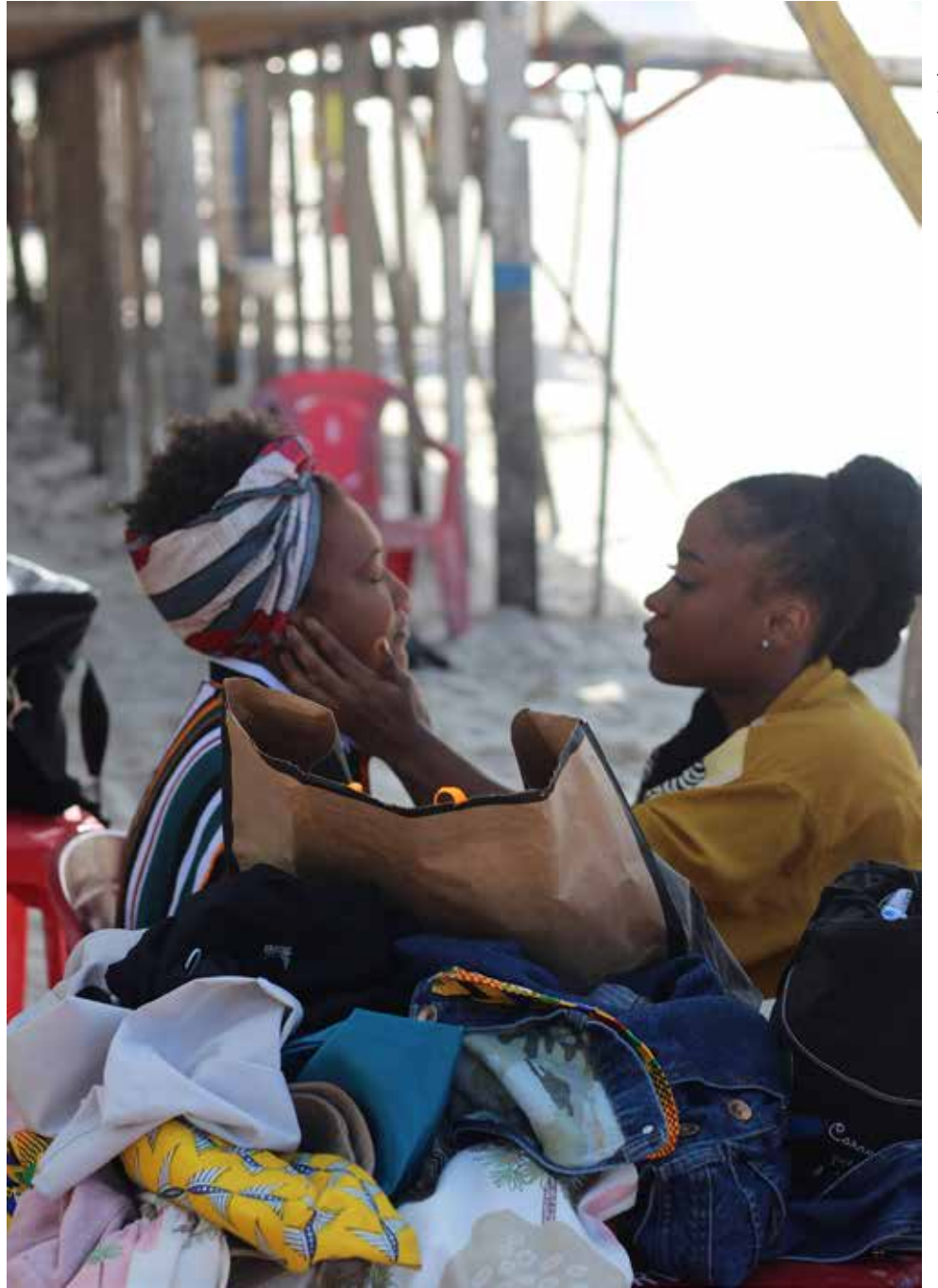


“Esse projeto foi muito importante no sentido em que me apresentou uma das muitas aplicabilidades possíveis para fotografia, não só como um instrumento técnico, mas como instrumento de sociabilidade. Permitiu que eu interagisse com outras pessoas e fotógrafos com histórias e estilos diferentes dos meus, mas que se encontram de alguma forma, oportunizando observar como o nosso olhar pode se manifestar de formas tão distintas.”
Gabriel Jansen



Apesar de ter realizado uma pesquisa antes, ele preferiu se desvencilhar das imagens pré-concebidas, buscando inspiração nas próprias pessoas e prezando pela naturalidade das suas expressividades. De acordo com **Gabriel**, essa decisão possibilitou uma conexão mais sincera, pois a fotografia para ele é multiplicidade, e um elemento crucial é a espontaneidade. Não só para que as fotos sejam espontâneas, mas para que surjam de um lugar espontâneo, onde a artificialidade não se propague.

* * *



Fotos: Gabriel Jansen

Isys Basola relembra as conversas preliminares com Sylmara Durans (produtora geral da exposição), sobre a necessidade de captar a ideia de **“corpos livres se amando, sendo bonitos”**. A partir daí, tem vivas as memórias sobre aquele dia: modelos, fotógrafos, uma equipe de produção e o mangue de possibilidades para fotografar.



“Não tinha movimentos artísticos enraizados na cabeça, não fui com grandes inspirações ou coisas que eu desejava imprimir nos modelos; sejam poses, olhares ou formas de se portarem em frente às câmeras. Não havia nada, nada além de uma mente e um querer cru de uma estudante que queria fotografar. Que a pose surgisse, que o céu se posicionasse do jeito certo. O importante era tentar capturar o mínimo de afeto tímido que pudesse surgir entre pessoas que mal se conheciam.”

Isys Basola





Talvez por este envolvimento tão profundo com o projeto, desde o texto que provocou o debate e a inspiração até os processos fotográficos finais, a exposição **Seres: o amor tece o amanhã** tenha deixado marcas tão profundas em Isys Basola, que cita momentos em que a luz parecia se posicionar de forma mágica, quando as figuras humanas pareciam ganhar vida própria e um desenho estático único, insubstituível! Os modelos pareciam dançar. Não existia timidez frente às lentes, e a relação entre o pensamento e a sensibilidade imagética proporcionou imagens resultantes sem a exigência de quaisquer grandes ajustes. A relação de amizade dos encontros oportunizados pelo projeto - um encontro de afetos, de corpos e de almas - são lembrados por Isys até os dias de hoje. Para ela, aquele ciclo não se encerrou, pois ainda se depara com as fotos de divulgação da exposição pelo Campus da UFMA, ou pelo Google Photos, fazendo-a lembrar de um dos projetos - tanto acadêmicos quanto profissionais - mais importantes de sua vida. **A partir desse momento, Isys passou a entender de fato a fotografia para além do viés da reprodutibilidade técnica, sobretudo, como motor para a sociabilidade, para a construção de vínculos e discursos.**





**Os afetos são potências
capazes de transformar paradigmas
de visão e de pensamento.**

*** * ***

REFERÊNCIAS

BASOLA, Isys. Racismo e algoritmo: estaria a humanidade vivendo em um ciclo de perpetuação de preconceitos? Medium, 2023. Disponível em: <https://medium.com/@etc.ufma/racismo-e-algoritmo-cf5ff233e5ff>. Acesso em: 30 abr. 2025.

COSTA, Ramon Bezerra. Economia da confiança: comunicação, tecnologia e vinculação social. Curitiba: Appris, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Que emoção! Que emoção? São Paulo: Editora 34, 2016.

ESPOSITO, Roberto. Communitas: origem e destino da comunidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. Volume 3. Ape'Ku Editora. 2021. Edição Kindle.

PAIVA, Raquel. O espírito do comum: comunidade, mídia e globalismo. 2ª ed.rev. e ampl. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

Conheça um pouco mais a equipe por trás do projeto



Priscila Lara

Adalberto Melo

Mestre em Comunicação, jornalista, radialista e fotógrafo. Coautor do fotolivro Tambores (EDITORA IMAGEM). Tem se apaixonado pelo exercício de ver o mundo entre luzes e sombras. Entende que seus registros são um retrato de sua alma antes mesmo de ser uma fotografia. As digitais que tenta deixar em cada trabalho, em cada imagem pronta que tem a felicidade em emoldurar - como um recorte do mundo que vê -, suas cores, formas e sentidos, representam suas impressões sobre o universo que o cerca.

Bruno Goulart

Graduando em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Membro extensionista do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Tecnologia e Economia - ETC UFMA. Estagiário de comunicação do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos - IMESC. Desenvolve pesquisa sobre Futebol e Comunicação.

Camilla Franciely

Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Possui experiência com produção para TV e com comunicação externa e marketing para um grupo nacional multi-utilities. Tem anos de trabalho voluntário como social media e analista de métricas com divulgação científica em plataformas. É ilustradora profissional, especializada em projetos que combinam ilustração, diagramação e design gráfico.

Camila Rabelo

Camila é estudante de Audiovisual na UFMA e possui experiência em fotografia, gravação e edição de vídeo. Atua como filmmaker e storymaker, com destaque para trabalhos de marketing digital. Na exposição, atuou como coprodutora e gravou e editou o making of do ensaio.

Gabriel Jansen

Com cerca de 5 anos de atuação na fotografia, Gabriel Jansen produz arte sobre os encantos da vida comum. A ênfase na cultura popular e no cotidiano ludovicense abre portas para um compromisso estético com o calor das festividades e a frieza dos horários comerciais. Atuou como fotógrafo jornalístico, repórter, editor de imagens e produtor de TV.

Isys Basola

Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atuou como bolsista de iniciação científica [PIBIC] CNPq (IC) do Grupo de Pesquisa ETC (UFMA). É aluna voluntária do Projeto de Extensão Divulgação Científica e ETC desde 2022 (UFMA). Também atuou como bolsista de iniciação científica [PIBIC] CNPq (IC) no Grupo de Estudos Trabalho Escravo e Comunicação (GETECOM/UFMA).

Produtora e fotógrafa da exposição *Seres: O amor tece o amanhã* que foi desenvolvida a partir do texto *Racismo Algorítmico: estaria a humanidade vivendo em um ciclo de perpetuação de preconceitos?* publicado no Medium do ETC/UFMA.

Patrícia Azambuja

Professora do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisas com financiamento da FAPEMA e projetos vinculados ao Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagem - NUPPI/UFMA e ao ETC/UFMA/CNPq. Atualmente, coordena os projetos extensão Acervo Bem.te.vi (<https://www.acervobemtevi.ufma.br/>) e Mostra Gato Digital.

Raul Monteiro

Graduando em Comunicação Social, Rádio e TV pela Universidade Federal do Maranhão, apaixonado pela Fotografia e pelo mundo Audiovisual.

Ramon Bezerra Costa

Professor do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Mestrado profissional) da UFMA. Doutor em Comunicação pela UERJ. Coordenador do Grupo de Pesquisa ETC/UFMA/CNPq e do ambiente de inovação ETC Hub, financiado pela Fapema.

Sylmara Durans

Graduada em Rádio e TV na Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora vinculada ao ETC, dedicando-se aos processos comunicacionais de construção de redes e comunidades. Atua como Produtora Cultural e Audiovisual, com experiência em diferentes mídias. É responsável pela terceira temporada do Podcast ETC & TAL. Tem experiência com Jornalismo e Divulgação Científica com foco na democratização de conhecimentos.

FICHA TÉCNICA

Ensaio Fotográfico

Direção: Sylmara Durans

Produção: Camilla Rabelo, Isys Basola, Sylmara Durans

Making of: Camilla Rabelo

Fotógrafos: Adalberto Melo, Bruno Goulart, Isys Basola, Gabriel Jansen, Raul Monteiro

Modelos: Amon Oliveira, Ana Regina Arcanjo, Bigorna, Dallyla Amazzyymba, Renata Costa, Samara Regina, Breno Silva, Pablo Kauã

Roupas: Kolobô ateliê criativo

Motorista: Emanuel Fonseca

Realização: ETC/UFMA

Apoio: Lampiões Boteco, Sintropia Cosméticos, Gestus Jr., Fotoclube poesia do olhar

Exposição

Direção: Sylmara Durans

Curadoria: Patrícia Azambuja e Ramon Bezerra

Produção: Isys Basola, Sylmara Durans, Ítalo Silva e Pedro Neto

Fotógrafos: Adalberto Melo, Bruno Goulart, Isys Basola, Gabriel Jansen, Raul Monteiro

Modelos: Amon Oliveira, Ana Regina Arcanjo, Bigorna, Dallyla Renata Costa, Samara Regina, Breno Silva, Pablo Kauã

Design: Camila Franciely e Ana Letícia

Comunicação: Ítalo Silva, Isys Basola, Bruno Goulart

Cerimonial: Yasmy Froes, Erica Ferreira

Cobertura: Coletivo Nuppi

Realização: ETC/UFMA

Apoio: DAC-UFMA, Gráfica UFMA, GETECOM, PROEC UFMA, SEIR MA, Coletivo Nuppi.